ANNO IV — Sabbado, 29 de Novembro de 1919 — Num. 44

ASSIGNATURAS
Anno......... 10$000—Semestre.... 5$000
Numero avulso 100 réis

Toda a correspondencia para a Caixa 195
S. PAULO

A PLEBE

PORTA-VOZ DOS OPPRIMIDOS

AO POVO BRAZILEIRO E AO MUNDO

NÓS ACCUSAMOS!

Em toda a parte do mundo, até nas monarchias mais autoritarias, durante a oppressão formidavel da guerra e agora, em plena luta contra a revolução social, os jornaes socialistas, syndicalista e anarchistas não deixaram de circular livremente. Só no Brazil, sob uma republica que se orgulha de qualidades que não possue — a imprensa é aferrolhada.

O mesmo se dá com as organizações proletarias que, existindo livremente e exercendo direitos garantidos pela constituição de todos os paizes, no Brazil são perseguidas ferozmente!

Pelas ultimas deportações ficou-se sabendo que, no Brazil, quuando a policia quer, todos os cidadãos de espirito independente são indesejaveis, mesmo alguns que aqui nasceram ou se crearam.

Como se todas estas infamias não bastassem, o sr. Adolpho Gordo, burguez, capitalista e senador da Republica, está forjando uma lei monstro, que envergonharia o complot governamental do paiz mais retrogrado do mundo... Essa lei restabelece, no Brazil, em pleno seculo XX, o famigerado "crime de opinião", que na antiguidade alimentou as fogueiras e ensanguentou a historia da civilização.

Ainda mais, essa lei immoral sob todos os pontos de vista, traduz a abjecção a que desceram os nossos governantes, consagrando um dos seus paragraphos á trahição e elevando-a á altura de uma virtude civica, tornada official, e que dentro em pouco será elogiada e premiada.

Brazileiros! Pela lei Adolpho Gordo, o martyr Tiradentes é um valdevinos e Joaquim Sylvemos dos Reis, um herói!

Apresentamos o Gordo e os seus sequazes á execração de todos os brazileiros que ainda têm alma, que ainda têm coração, que ainda têm honra!

Restabelecendo a verdade sobre os ultimos acontecimentos

Como se preparou a reacção contra o proletariado

Os torpes manejos da Antarctica, da Light e da corja capitalista em geral — Os poderes dominantes ao serviço da plutocracia.

Certas coisas mysteriosas que vinham dando que scismar áquelles que se importam alguma coisa com o bem-estar collectivo, acabam de ter, com o desenrolar dos recentes acontecimentos, a mais cabal e perfeita aclaração.

Para começar, tratemos da boicotagem á Companhia Antarctica: E' notoriamente sabido que o accôrdo conciliatorio entre essa empresa e a Federação Operaria esteve quasi concluido, só lhe faltando para isso a assignatura dum dos directores, que se achava, na occasião, ausente, no Rio.

O operariado, entretanto, proseguiu tenazmente na sua campanha contra a odiosa alliada da policia, suppondo que assim concorreria mais poderosamente para a demover a pôr termo a uma situação que lhe estava affectando gravemente os interesses. Mas, ao contrario do que tudo fazia crêr, a Antarctica «virou o bico ao prego» e nunca mais procurou avistar-se com a Federação para com ella ultimar o convenio imposto pela dignidade operaria.

Qual o motivo dessa reviravolta extemporanea e inopinada? Eis o que então ninguem logrou desvendar. A' parte uns diz-que-diz respeitantes a boas mequias a plumitivos e autoridades, como incentivo a uma repressão contra o operariado, nada foi possivel averiguar ao certo. O mysterio era profundo, impenetravel e... significativo.

Abramos aqui um parenthesis para nos occuparmos da Light. Esta odiosa camorra canadense, quando teve conhecimento do trabalho organizador dos seus escravos, deu coices e zurros de raiva. Ao que se dizia, correu junto dos mandões do alto e, de mãos erguidas, implorou-lhes a pulverização da fortaleza syndical. Daria para esse fim todo o dinheiro que fosse necessario. Que diabo eram algumas dezenas de contos para quem possuia uma riqueza fabulosa?

O plano foi desde logo concertado. Os operarios organizar-se-iam como quizessem, mas, apenas levantassem a grimpa, para reagir contra os seus verdugos, seriam sem delongas, mettidos nos eixos. O grito de guerra, porém, ia-se demorando. A impaciencia dos piratas da Light não comportava tão grande praso de espera. Preciso era, pois, abreviar o dia da vindicta. E uma bella occasião, estavam os trabalhadores reunidos no largo de S. Francisco n. 5, quando appareceram lá uns individuos, dizendo-se soldados, e os quaes, sem mais preambulos, pediram para que a greve fosse logo declarada, porque a Força Publica desejava pôr-se ao lado dos operarios...

Semelhante pedido, como é natural, foi immediatamente repellido e os agentes provocadores acharam então de prudente aviso sahir por onde tinham entrado.

Falhára, portanto, essa primeira estrategia dos amigos ursos do proletariado. Mas isso não os fez desanimar. Antes pelo contrario. Tanto assim que as suas vistas começaram a incidir sobre *A Plebe*...

De facto, perseguir o orgão dos opprimidos, uma vez que as organizações syndicaes já se haviam manifestado dispostas a protestar contra qualquer violencia que a attingisse — era um bom partido. A *coisa* por esse lado daria resultado certo... Dias depois, *A Plebe* soffria a primeira investida dos «mantenedores da ordem». E — caso extraordinario para elles! — *A Plebe* encarou o caso com a maxima serenidade, não indo, portanto, ao encontro dos seus desejos...

A Light e a Antarctica (agora volta á scena a proxeneta dos secretas) entreolharam-se sem perceberem patavina. Como? Pois então o jornal dos vermelhos rubros, dos incendiarios, dos petroleiros, dos inimigos do Estado não bradára ás armas?! Era demais. Os seus projectos mais uma vez iam fracassar...

Ah! Mas com o ouro não se brinca. E a prova é que, passados dias, uma bomba explode providencialmente e mata quatro trabalhadores. Bello pretexto — o melhor — para embahir a opinião publica e dar o golpe de misericordia nas organizações. Iniciou-se, pois, a reacção. E, como consequencia, o operariado abandonou o trabalho. Succederam-se as violencias policiaes: prendem-se a esmo operarios honradissimos, deportam-se alguns dos mais activos e intelligentes e estabelece-se o regimen da rolha para quantos não vão á missa do... Centro Operario Catholico.

Regressando, dessa fórma, aos ominosos tempos do feudalismo e da Inquisição, nós podemos agora constatar porque a Companhia Antarctica não concluiu com a Federação o accordo para a cessação da boicotagem e podemos esclarecer tambem porque a Light se mostrava tão petulante e atrevida na perseguição aos seus operarios, mórmente áquelles que occupavam cargos administrativos na organização da sua classe.

Não ha mais duvidas a respeito: a miseria, o soffrimento e as lagrimas de tantas victimas indefesas foi a argamassa com que os potentados consolidaram o seu poder e o premio com que galardoaram os serviços dos almofadinhas e empavonados, colligados impudentemente contra quem lhes dá a vida e lhes sustenta o fausto e a ociosidade!

Como corolário, o publico — o trabalhador, bem entendido — deve agora tomar nota disto: os grevistas pediam apenas umas melhorias insignificantes, que pouco augmento de despeza acarretavam. A Companhia, entretanto, nada lhes quiz dar. Em compensação gastou com a graúdagem rios de dinheiro, perdeu dezenas de contos com a parede e, para remate, deixou-se lezar pelos fura-greves de fatiotas á ultima moda.

Por sua vez, a Antarctica não quiz dar o braço a torcer, fazendo as pazes com o proletariado. Perde, é verdade, uma cifra calada; mas, ao menos, continúa a estar ás ordens da policia e prompta para offerecer aos soldados os seus caminhões e as suas bebidas.

E ahi está o retrato moral dos adversarios dos trabalhadores. Preferem sacrificar fortunas á fatuidade dos seus caprichos; no emtanto, não abrem as garras para ceder um pouco das suas gatunices. Já se tem constatado isso por diversas vezes. Agora, porém, a prova apresentou-se mais patente e insophismavel.

A *pari passu* deve-se accentuar, tambem, a coincidencia da repressão policial com a chegada do bispo Duarte Leopoldo. Toda a clericalha, em alta grita, ha muito que pedia a suppressão d'*A Plebe* e a perseguição aos trabalhadores. Chegou o chefe da quadrilha romana e zás: a vontade é-lhes feita pelos rafeiros fegues com uma furia de lobos carniceiros.

Curioso tudo isto, realmente. O que, porém, é mais curioso ainda é a attitude da imprensa «liberal e independente», que tacita ou ostensivamente approvou todas as monstruosidades commettidas. Onde está a moralidade dessa gente? Onde a sua sinceridade?

Depois não querem que se proclame a necessidade de um movimento reivindicador para sanear a atmosphera que respiramos...

"A PLEBE"

Se A Plebe não está ainda apparecendo diariamente para fustigar dia a dia a corja que explora e tyranniza o povo é porque são innarraveis as difficuldades que se têm anteposto á consecução desse desidetum.

O regimen de terror implantado pela policia attingiu tambem ás typographias, cujos proprietarios se negam terminantemente — et pour cause... — a imprimir este porta-voz dos opprimidos.

E' preciso, pois, esperar que as nossas officinas resurjam das proprias cinzas e fiquem apparelhadas para que A Plebe possa reencetar a sua obra quotidiana de redempção social.

Emquanto isso não conseguirmos, publical-a-emos o maior numero de vezes que nos seja possivel.

Poderão prender, espancar, expulsar, praticar toda sorte de violencias, mas com semelhantes infamias não conseguirão deter a marcha victoriosa do ideal que num futuro proximo ha de redimir a humanidade.

—O numero antecedente de **A Plebe,** *distribuido sabbado ultimo, foi compilado e publicado por um grupo de companheiros que, scientes das difficuldades com que lutamos, resolveu, por iniciativa particular, atirar aos quatro ventos da publicidade o seu vehemente protesto. Dahi, insignificantes discrepancias de orientação, que o seu enthusiasmo e boa vontade desculpam plenamente.*

A traficancia dos 2.000 contos

A questão que mais deveria preoccupar os homens de responsabilidades nesta terra, no momento actual, é a pretendida extorsão da grande somma de 2.000 contos dos cofres estadoaes a favor da demonstração de grandeza e de poderio duma seita que os maiores damnos tem causado á humanidade.

Pretenção seguida por elementos que bem conhecem a decadencia moral e civica do intellectualismo brasileiro, e mais ainda conhecem a fallencia de animo protestante deste povo indifferente, vae marchando para o terreno das coisas vulgares sem que um movimento estoico de repulsa demonstre á canalha em geral que nem tudo está perdido...

Questão que noutros tempos daria lugar a grandes demonstrações de indignados protestos, presentemente nem merece a attenção da imprensa que se diz e se arvora em defensora dos interesses publicos.

Ha um silencio indescriptivel em torno desse assumpto, dando causa a commentarios de varios quilates; — será que o dinheiro da Igreja subornou a imprensa toda desta terra que, hontem, ameaçava convulsionar o paiz inteiro para impor-lhe um presidente que consultasse os interesses dum partido em plena decadencia, ou será que a dita imprensa está tomada de panico immensuravel diante da força autoritaria que ora assume a classe negregada do clericalismo?

De uma ou de outra maneira, a verdade simples e dolorosa é que o plano extorsivo vae se firmando como a cousa mais natural destes tempos, em que a humanidade parece retroceder, depois de haver descripto a trajectoria ideal da sua evolução progressiva.

Não sabemos a que attribuir tamanha pusilanimidade, que não encontra precedentes na historia brasileira.

Ha muitos revoltados contra a infamia que se tenciona pôr em pratica, mas não ha um grupo coheso que se congregue para num protesto vehemente e nobre de altivez, arredar para sempre das cogitações esse plano injustificado que só redundará em consequencias funestissimas para as instituições liberaes no Brasil.

Atravessamos um momento de verdadeira indecisão, e porque não dizel-o, — *de covardia*.

Perscrutando os sentimentos dos homens responsaveis pelos destinos deste Estado, é que a Igreja Catholica lançou-lhes sobre a face a luva ennegrecedora do desafio — e todos acolheram-n'a com enthusiasticos applausos, como se ella fôra uma prova de elevada consideração.

Não ha um homem só do governo que se arrojasse a contestar tamanha ladroeira que se tenciona effectuar contra o erario publico; todos, sem excepção, deixaram-se tranquillamente ficar no recesso placido do commodismo!...

E' a fallencia inevitavel do caracter deste povo que se pretende decretar para gaudio da classe que ha tanto vem minando o organismo social do mundo, e que ora toma um incremento poderoso graças á perseguição movida contra os partidarios de ideaes libertarios.

A acção desenvolvida pelo governo favorece palpavelmente os interesses privados da Igreja Catholica Apostolica Romana, emquanto os livre-pensadores desta terra vão se deixando annullar pela inactividade ou pela ausencia de animo civico...

Se o governo tencionasse combater os males que perturbam a vida social do paiz, deveria começar por combater o maior delles, e que reside na organisação poderosa e malefica do clericalismo!... Isso não fará, entretanto, porque são irmãos siamezes.

Emfim, cada povo tem o governo que merece, mas nem por isso havemos de silenciar, porquanto somos parte activa desse povo que paga impostos e contribue para o progresso do paiz.

MARIO BRAZIL.

Que é feito de José Righetti?

Quando se iniciou a perseguição aos trabalhadores com o intuito evidente de acabar com as suas organizações, que tendiam a, dentro em breve, offerecerem séria resistencia á acção aladroada dos camorristas do capital, a imprensa diaria noticiou que o companheiro José Righetti fôra preso em S. Bernardo.

De então para cá nada mais se soube a respeito desse operario tecelão, que pela sua notavel dedicação ao movimento syndicalista cahiu no desagrado dos regulos daquella villa.

Que é feito de Righetti? Como elle é brasileiro, não o podiam expulsar. Onde se encontra, então? Martyrizado no fundo de alguma solitaria ou atirado nos inhospitos sertões do Noroeste?

A attitude da União dos Trabalhadores Graphicos

A União dos Trabalhadores Graphicos realizou no domingo retrasado uma importante assembleia da classe, convocada para tratar da reacção infamissima que os sátrapas desta terra desencadearam contra o elemento proletario com o fim de prestar auxilio incondicional á corja de bandidos que vive a explorar miseravelmente o povo.

Nessa reunião foi resolvido passar um telegramma ao presidente da Republica, solicitando providencias sobre o desapparecimento de João da Costa Pimenta.

Foi tambem deliberada a transmissão de um telegramma á *Razão*, pela campanha feita contra o projecto Adolpho Gordo.

Foi ainda decidido lançar na acta da sessão um voto de applauso aos estudantes de medicina, pela attitude que tomaram no recente movimento paredista dos operarios nesta capital.

Folgamos em registrar com satisfação a attitude altiva do syndicato graphico vindo á estacada, neste momento de furia reaccionaria, pronunciar-se contra o regimen da tyrannia imperante.

Não podemos, entretanto, deixar de observar que é uma ingenuidade appellar para o presidente da Republica afim de se oppôr ás prepotencies policiaes, pois sabido é, até á sociedade, que todas as torpesas praticadas contra a classe trabalhadora dimanam de um odioso conluio em que estão estreitamente ligados desde o chefe do governo nacional até o mais infimo esbirro deste Estado.

Com o fim de esmagar o movimento obreiro formou-se a camorra dos potentados, e para reagir contra os seus crimes os trabalhadores só poderão contar com os seus elementos.

A Inglaterra e os Estados Unidos já deram as ordens a respeito...

Boicotagem á ANTARTICA

SINAPISMOS E CAUTERIOS

(No nosso numero anterior um companheiro inadvertido falou em «Canto do Cysne» em lugar de «Canto do Gallo» que prenuncia e aurora).

Nesta alegre versalhada
Venho contar ao meu povo
Que uma bandeira encarnada
Drapeja aos ventos, de novo,
Sobre a nossa barricada.

Essa bandeira vermelha
Nunca baixou do seu mastro;
O nosso amor ella espalha,
Hontem—era uma scentelha,
Amanhã—será um astro!

«Canto do Cysne»? Qual, nada...
Deve ser «Canto do Gallo»!
Voz de guerra, voz amada
Que diz «Salve!» ao rubro hallo
Que antecede uma alvorada!

COTTIN.

O empastellamento d'A PLEBE

Considerações de Euclides da Cunha que se adaptam ao caso

Euclides da Cunha, tratando em sua admiravel obra OS SERTÕES do empastellamento dos jornaes GAZETA DA TARDE, LIBERDADE e APOSTOLO, expende considerações perfeitamente applicaveis ao acto de vandalismo de que foi victima A PLEBE.

Tal e qual como aconteceu ao diario plebeu, as officinas e escriptorios dos referidos jornaes foram invadidos, sendo tudo destruido e queimado. Todos os objectos, livros, papeis, quadros, moveis, material graphico, utensilios, etc., foram rasgados, quebrados e depois atirados para a rua, onde, em pleno coração da grande capital e ante a estupefacção do povo, formou-se uma grande fogueira que tudo destruiu.

A proposito dessa proesa de alta significação patriotica, Euclides da Cunha disse coisas que parecem ter sido escriptas com referencia ao empastellamento d'A PLEBE.

A' briosa, heroica e ultra-patriotica mocidade academica, autora do historico feito, dedicamos estes trechos de ouro:

. . . «As linhas anteriores têm um objectivo unico: fixar, de relance, similes que se emparelham na mesma selvatiqueza. A rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização a dentro.»

. . . «O homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros por ventura mais perigosos.»

. . . «A força portentosa da hereditariedade, aqui, como em toda a parte e em todos os tempos, arrasta para os meios mais adeantados — enluvados e encobertos de tenue verniz de cultura — trogloditas completos. Se a curva normal da civilização em geral os contém, e os domina, e os manieta, e os inutilisa, e a pouco e pouco os destróe, recalcando-os na penumbra de uma existencia inutil, de onde os arranca, ás vezes, a curiosidade dos sociologos extravangantes, ou as pesquisas da psychiatria, sempre que um abalo profundo lhes affrouxa em torno a cohesão das leis, elles surgem e invadem escandalosamente a historia. São o reverso fatal dos acontecimontos, o claro escuro indispensavél aos factos de maior vulto.»

. . . «Na primeira cidade da Republica, os patriotas satisfizeram-se com o auto de fé de alguns jornaes adversos. . .»

Aos amigos d'A PLEBE

Neste momento, mais do que em nenhum outro, *A Plebe* necessita do auxilio dos seus amigos, motivo pelo qual reiteramos os nossos pedidos para que os nossos assignantes nos enviem as quantias correspondentes ás suas assignaturas, os companheiros não se esqueçam de devolver as listas de subscripção voluntaria e aos que tiverem importancias de folhetos em seu poder, para que os enviem com a maior urgencia.

As nosses despezas têm augmentado extraordinariamente com a difficuldade de arranjar typographia e com o necessario auxilio que temos dado aos perseguidos.

Esperamos normalizar o mais breve possivel a nossa publicação e a remessa aos assignantes.

Para facilitar a sua retirada do correio, qualquer importancia que nos seja remettida deve ser com o seguinte endereço: *A Plebe, caixa postal, 195 — S. Paulo.*

Porque e como foram feitas as depotações?

O que o governo não quiz informar

O deputado Mauricio de Lacerde apresentou, ha dias, á Camara Federal, um requerimento em que pedia que o governo da Republica prestasse as informações seguintes sobre as expulsões de militantes operarios:

«Requeiro que, por intermedio da mesa, o governo informe com urgencia:

a) quantos individuos têm sido «expulsos» do territorio nacional este anno;

b) nome, idade, nacionalidade, estado e profissão;

c) qual o prazo de residencia no paiz, de cada um;

d) qual a nacionalidade da mulher, si forem casados, e a dos filhos, si os tiverem, sejam estes naturaes ou legitimos;

e) qual o motivo da expulsão de cada um, ou em virtude de que factos criminosos se verificaram essas medidas;

f) qual o acto ou facto criminoso que é imputado a cada um;

g) qual a provocação a acto ou facto criminoso praticado ou tentado por outrem, de que tenham sido autores;

h) quaes os termos do processo de expulsão de cada um, por copia, *verbum ad verbum*.

Como era de esperar, o governo não forneceu á Camara essas informações, apesar do deputado Mauricio de Lacerda ter continuado a pedil-as em varias sessões.

E' natural que os governantes assim procedam, pois de maneira diversa ficariam bem patentes todas as suas miseraveis infamias, que, entretanto, hão de vir, uma a uma, a publico, porquanto, á custa de todos os sacrificios, as denunciaremos ao mundo.

Onde está Pimenta?

Nos sertões inhospidos... ou foi assassinado?

O camarada João da Costa Pimenta cahiu nas garras da policia ha cerca de um mez, na Estação da Luz, quando regressava do Rio, onde estivera em visita á sua familia.

Tendo um jornalista, a pedido de membros da União dos Trabalhadores Graphicos procurado o Delegado Geral afim de pedir a soltura desse companheiro, assegurou-lhe o dr. Thyrso Martins que o mandaria pôr em liberdade na capital da Republica.

Como isso não se verificou, foi impetrado um habeas-corpus em seu favor, sendo pelo juiz considerado prejudicado por ter a policia informado que Pimenta não se achava preso.

No emtanto, sabe-se agora, positivamente, que o Delegado Geral, não cumpriu a sua palavra e que foi mentirosa a informação prestada ao juiz.

Segundo informa Everardo Dias em sua emocionante carta, publicada em outro numero do jornal, Pimenta foi mandado para Santos, de onde, depois de o submetterem a torturas inquisitoriaes, transportaram-no, sempre preso, para o Rio.

E até agora João da Costa Pimenta não appareceu.

Que terão feito do estimado companheiro?

Asseguram as leis, que as autoridades se proclamam defensores, que ninguem pode ser conservado preso por mais de 48 horas sem culpa formada. Como, pois, Pimenta, ainda não foi restituido á liberdade sem que contra elle pese culpa alguma?

Tudo nos leva a crêr que o desapparecimento de Pimenta encontra explicação na necessidade em que se acham as autoridades de occultarem as provas das barbaridades revoltantes de que o laborioso e intelligente obreiro foi victima.

Mas isso não póde ficar assim. E' preciso que se reclame, que se exija a immediata libertação de Pimenta.

Ou esta terra está transformada em abrigo de pusilanimes, de gente desfibrada, de covardes que permittem que as mais clamorosas infamias se pratiquem impunemente?

Estudantes de hontem e estudantes de hoje

Um artigo que vem a proposito

No mez que hoje finda, ha tres annos, num quarto do Hotel Brasil, em S. Paulo, tragicamente desappareceu da scena da vida a figura immortal de Ricardo Gonçalves.

Ainda é tempo de acordar a memoria esquecida dos contemporaneos e convidal-a a render a esse formosissimo espirito á homenagem de alguns minutos de saudade.

Temperamento affectivo e singelo — já eu o disse, ha um anno — Ricardo amava, entranhadamente, a sua terra a sua familia; os seus amigos e com estes, toda a gente humilde e simples que delle se acercava. Deste seu amor á bondade, á humildade, á simplicidade, nasceu-lhe, na adolescencia, o enthusiasmo com que ardorosa e convencidamente, abraçou o socialismo. E, na idéa socialista, resumia Ricardo a formosa trilogia da dignidade do Homem: — liberdade, igualdade, fraternidade. Mas é mistér que o digamos, desde logo: — o seu socialismo não se manifestava sómente nos seus quentes, arrebatadores discursos, nos clubs academicos ou nas praças publicas. Demonstrava-o o admiravel moço pela pratica de actos de absoluta dedicação e coragem extraordinaria.

A melhor homenagem que hoje podemos prestar á imperecivel memoria desse grande morto é, sem duvida, recordar, na pungente actualidade destes dias escuros, a sua acção nobilitante e confortadora, ao lado dos humildes operarios soffredores, por occasião da grande gréve que, em Maio de 1906, convulsionou S. Paulo e, rapida e assustadora, se alastrou logo por todo Estado.

Annunciava-se um comicio, no largo de S. Francisco.

Era o primeiro, se bem me recorda. Antes, porém, de apparecerem os primeiros operarios, já havia a policia occupado toda a praça.

Chegando ao local, foram os promotores do comicio notificados de que lhes não seria permittido pôr em pratica o seu intento.

Houve protestos, em termos a principio calmos. Protestos vãos. Calma inutil. A ordem era terminante: a reunião não se effectuaria... Comtudo, dos angulos da praça iam surgindo, em pequenos grupos cautelosos, os operarios... Ameaçava frustrar-se o rigor da intimação policial; era, porém, preciso que ella se cumprisse, custasse o que custasse. E, logo, a força entrou de se ostentar: passou prestes, da illegal advertencia prohibitoria, desprezando a intermediaria prudencia da simples intimidação, ás criminosas manifestações da violencia franca, positiva, vexatoria, deshumana, brutal.

A's portas da velha Academia, os estudantes de direito assistiam ás vergonhosas scenas, revoltados, mas silenciosos e indecisos...

Eis que se fez ouvir aquella voz vibrante, crystallina, sonora e persuasiva, que nunca mais — nunca mais! — se ouvirá cantar na terra. Uma onda de enthusiasmo juvenil cresceu, de subito, ao encontro e em auxilio dos humildes proletarios, e em sereno, desassombrado desafio, contra os seus oppressores.

Bastou que aquella voz falasse, cheia de energia e de fé, em defesa da Lei e da Justiça; bastou que, por aquella voz maravilhosa, protestasse o direito; salvou-se a Justiça desafrontou-se a Lei, e o comicio realisou-se, dentro do veneravel templo, onde a mocidade jura defendel-as sobre todas as coisas.

Irritados pela derrota imprevista, os esbirros voltaram, nos dias seguintes, a postar-se, em pé de guerra, em frente á Faculdade, — «perturbando o regular funccionamento das aulas; exacerbando os animos com um apparato acintoso de força armada; immiscuindo a turba dos estudantes, com a incumbencia expressa de promover disturbios, a facinoras que tem a seu serviço; effectuando prisões de academicos, que outro delicto não commetteram senão o de compellir os seus collegas a dar acolhida, no pateo interno da Academia, contra as violencias policiaes, a uma multidão de operarios inermes, conglomerados no exercicio de um direito.»

Assim relatou Ricardo os acontecimentos justificando a nobre attitude da mocidade academica, em face da arbitrariedade policial, no manifesto por elle redigido ás escolas superiores e ao povo.

Nesse manifesto, cujo autographo salvei, em boa hora, da destruição, e guardo religiosamente, como a reliquia de um santo, se destacam dois incidentes, entre os muitos daquella agitada luta desigual, em que nos envolveramos todos os seus collegas, concitados pela magia do seu verbo, e por amor á causa das liberdades populares:

«No edificio da escola, permanecia hontem, como de costume, á espera das aulas, um grupo numeroso de alumnos.

«Como, nessa occasião, a força de cavallaria, depois de haver dissolvido um ajuntamento de curiosos, espancasse um pobre velho que passava, protestos vehementes levantaram-se entre os estudantes. Foi o sufficiente para que o piquete de cavallaria formasse diante do edificio, ameaçando invadil-o. Os academicos, terminado o incidente, comprehendendo a gravidade da situação, resolveram retirar-se para que fossem fechadas as portas da escola.

«Antes, porém, uma commissão de estudantes dirigiu-se ao delegado, que alli se achava, afim de indagar se havia mandado de prisão contra tres collegas ameaçados, conforme se propalava. Recebendo resposta negativa, a commissão declarou á autoridade que um grupo de duzentos estudantes, para significar que não participava do movimento grevista, ia abandonar o largo e acompanhar á casa os seus tres collegas que se julgavam ameaçados de prisão. A autoridade prometteu aos academicos, «sob palavra de honra», que não haveria intervenção policial para impedil-os de levar a effeito semelhante designio, offerecendo-se mais acompanhal-os para garantil-os com a sua presença, o que foi recusado por desnecessario.

«Calmos, confiando imprudentemente na palavra de um esbirro arbitrario e irresponsavel, os estudantes desceram em silencio, como um prestito funebre, na rua de S. Bento. Mal haviam dado uma centena de passos, aggrega-se ao cortejo, sorrateiramente, um grupo de «secretas», sicarios que a policia arranca aos ergastulos, nos dias de agitação, para instrumentos de brutalidades innominaveis. A malta criminosa, sem um pretexto, aggride inominadamente os estudantes a cacetadas e tiros de revolver.

«Vencido o primeiro impulso de fuga, um pequeno grupo tenta repellir, mas debalde, o infamissimo ataque. Um tiroteio cerrado dispersa-o. A cavallaria, a uma ordem do ignobil delegado, surge immediatamente depois, para secundar os «secretas». A' redacção d'«O Commercio de S. Paulo», recolhem-se acossados, fugitivos e feridos...»

Ao lado de Ricardo Gonçalves, na vanguarda dessa procissão academica, ensanguentada pela malvadez de uma autoridade inconsciente, que assim se deshonrava, fui testemunha da sua forte, serena coragem, imperturbavel mesmo diante da morte.

Vi-o, com toda calma, quasi a sorrir, alçar o braço, para exercer o direito de legitima defesa propria e dos seus companheiros... E, na confusão do drama repentino, colhido na brutalidade do tumulto, envolto no fumo daquelle barbaro tiroteio, ainda mais cresceu aos meus olhos attonitos o romantico perfil do suavissimo poeta, naquelle momento, mais do que nunca, para a minha admiração de amigo orgulhoso de sua amisade, transfigurado, maravilhosamente, na heroica figura de Cyrano de Bergerac. E essa attitude, de heroe, serena, impávida e intemerata, manteve-a, seguiu-a sempre, até o supremo instante de sua vida, esse formoso, mas desventurado cavalleiro andante da Bondade e da Belleza.

Assim viveu e assim morreu Ricardo, porque, a tudo que lhe era mais caro, no mundo — o amor, a arte, a amisade, a familia — sobrepunha elle o ideal, mais alto do que tudo, de entrar, um dia, na immortalidade, levando comsigo, intacto e immaculado, o seu pennacho, sempre rutilante — a honra do seu nome, a pureza da sua gloria!

Santos, 31 de Outubro de 1919.

HEITOR DE MORAES.

(Do «Estado de S. Paulo», edição da noite).

Encerram as Escolas Modernas de S. Paulo

No emtanto, protegem os coios de clericanalha

A policia, manejando os seus bonecos da Directoria da Instrucção Publica, que já perdeu a altivez e a independencia que lhe ficavam muito bem, ordenou o fechamento das Escolas Modernas, uma á Avenida Celso Garcia, 262, do professor João Penteado, e outra á Rua Maria Joaquim, 13, do professor Adelino de Pinho.

Esses professores receberam officios do dr. Oscar Thompson declarando que, tendo sido verficado pela Secretaria da Justiça que as suas escolas, «visando a propagação das ideas anarchicas e a implantação do regimen communista, ferem de modo infludivel a organização politica e social do paiz». Por isso foi decretado o seu fechamento.

Mesmo que as affirmações da Secretaria da Justiça fossem verdadeiras, esse acto só poderia ser levado a effeito se a sua acção se estendesse ás escolas corruptoras que existem em todos os pontos da capital e do interior, onde se ministra ás pobres creanças toda a sorte de mentiras religiosas e sociaes.

Querem maior attentado á consciencia do que as escolas dirigidas por padres nos desvãos escuros de infectas sachristias?

Essas escolas são verdadeiras fabricas de escandalos que o publico não desconhece e é o primeiro a commentar.

Porque motivo a policia não mandou fechar o Orphanato Christovão Colombo? Pelo contrario... Subsidiam-no o Municipio e o Estado com grossas sommas, assim como a todos os padres Faustinos, a todos os padres Consoni que corrompem, violam e matam as infelizes creanças brazileiras!

Para esses que enchem os hospicios de loucos, as secretarias de idiotas, as ruas de decahidas e as esquinas de invertidos, a policia não tem olhos, pois sabe que a degradação dos povos é a riqueza dos *trusts* politicos e commerciaes. Seus olhos colericos estão voltados para os logares onde se diz á creança que a sciencia é a unica verdade existente e que o homem que vivé do trabalho de outro homem é um ladrão!

"E PARTONO CANTANDO"...

SAUDAÇÕES DOS QUE PARTEM

Como Pietro Gori, o poeta da Anarchia, e seus companheiros, que ao serem expulsos de Lugano, na Suissa de decantada democracia, partiram, com os corações palpitando de esperanças redemptoras, cantando o sublime ideal libertario, os companheiros queridos que a furia reaccionaria ao serviço do capitalismo roubou ao nosso convivio, tambem lá se foram para outras paragens entoando as estrophes rebeldes da «Internacional», dominados pela confiança inabalavel na victoria inevitavel da nossa causa.

Todos elles, ao deixarem ás prisões, no trajecto da policia para os caes e ao entrarem para bordo dos navios, de viseira erguida, com a derradeira despedida ao proletariado que aqui fica a trabalhar para enriquecer os ladrões de casaca e a lutar contra o seu jugo tyrannico, cantavam os hymnos revolucionarios que os sequazes da graúdagem ladravaz tiveram de ouvir embasbacados.

De bordo do «Benevente», datado de Bahia, chega-nos agora um postal de Manuel Gama, o activo camarada, bastante conhecido nos meios proletarios de S. Paulo e do Rio, onde militou activamente.

Eil-o:

«Camaradas d'*A Plebe*: Saudades... Saudades... Involuntariamente, sigo a caminho das luzas plagas. Em minha companhia seguem 24 irmãos esperançosos, entre os quaes o Everardo, que, triste e pensativo, vae arrastando o seu madeiro ao Calvario da vida.

Esperamos que a nossa falta não cause transtornos.

A viagem no mar tem sido bôa.

Não ha que desanimar. Avante pela grande causa.»

Os camaradas Geraldo Manzini e José Caiazzo, velhos e estimados militantes do Rio, que seguiram no «Indiana», em carta que appareceu no ultimo numero do *Spartacus* tambem enviaram as suas despedidas aos companheiros do Brasil, concitando-os a redobrarem de actividade na campanha em prol da redempção proletaria, promettendo continuar na Italia a batalhar com a mesma decisão que lhes valeu a expulsão deste paiz, onde é criminoso quem tem idéas de reinvindicações sociaes, emquanto os sotainas e exploradores de todo jaez são cercados de todas as honras e regalias.

As nossas saudades acompanham os companheiros que atravessam os mares em busca de outras terras ou por lá já se encontram.

Levem todos a certeza de que, apezar de todas as perseguições, proseguiremos imperturbavelmente na peleja contra o dominio da *camorra* que os arrancou ao nosso meio.

Sob o regimen do terror

Quasi todos os vapores que partem para a Europa continuam a levar trabalhadores deportados sob os mais ridiculos pretextos. E' um nunca acabar. A sanha policial já não respeita coisa alguma. Homens que aqui estavam desde a primeira infancia, que aqui trabalharam a vida inteira, que aqui constituiram familia, são deportados violentamente, inquisitorialmente, mediante infames processos e sem conhecimento da propria familia. E' o ultimo arranco de uma burguezia podre, que se esphacela e tomba...

No caso Everardo Dias, por exemplo, foi tão arbitraria e revoltante a acção da policia, que o facto conseguiu chocar a indifferença com que habitualmente são encarados estes processos vexatorios.

Houve jornaes burguezes, infelizmente poucos, que não poderam sopitar a sua indignação e, num arranco muito nobre, infelizmente pouco duradouro, atiraram para o lado a mordaça officialesca e reconquistaram por um momento o seu direito de agir e de pensar com elevação — protestando contra a infamia commettida pela policia.

No Senado Estadoal, o sr. Luiz Pisa, ironico, mas severo, teve palavras amargas tanto mais nobres quanto eram dirigidas a pessoas que vivem de surdez e mudez... por sessões.

As cartas singelas e doloridas enviadas pela filha de Everardo aos advogados de seu pae, causaram funda impressão na Camara Federal, attrahindo desde logo a sympathia de muitos deputados, entre os quaes os srs. Mauricio de Lacerda, Nicanor Nascimento e Thomaz Cavalcanti, que a esse respeito se têm manifestado varias vezes.

"Auto de fé" em plena rua Quinze!

O empastellamento d'*A Plebe* passou quasi despercebido para a quasi totalidade dos jornaes. A maior parte delles noticiou o facto servindo-se da nota fornecida pela policia, outros nem isso fizeram e apenas alguns, bem poucos, talvez dois ou tres, estymatisaram esse infame attentado á liberdade de imprensa, e que mais uma vez põe em evidencia o escandaloso regimen de covardia e venalidade imperante no meio da imprensa desta terra.

O *Combate* foi um dos jornaes que protestaram contra a inominavel violencia, publicando, sob o titulo acima, a nota seguinte:

«Embóra tardio, não deixaremos passar sem o nosso protesto as scenas vandalicas de que foi theatro, na sexta-feira passada, á hora de maior movimento, o centro da cidade. Explosões dessa ordem, sempre destoantes da civilisação de um povo, só se explicam em momentos de exaltação popular, como actos impulsivos e como reacção immediata a aggressões feitas a uma classe determinada ou á collectividade nacional.

Por isso, pensamos que a manifestação de desagrado de alguns moços, melindrados por certas palavras d'*A Plebe*, nunca deveria ir ao empastelamento das officinas do jornal e aos «autos de fé» em plena rua Quinze de Novembro. Deviam os academicos levar tambem em conta que os redactores d'*A Plebe* estavam impossibilitados de qualquer reacção: uns, foram deportados, outros estão presos e ainda outros obrigados a não se pôr em evidencia.

Estas circumstancias fizeram com que impressionasse pessimamente a attitude dos moços, tanto mais que, emquanto o orgão operario foi abandonado á furia dos assaltantes, o *Diario Espanol* e *Il Piccolo* tiveram, desde cedo, as suas officinas guardadas por 6 praças de carabinas embaladas.

Outro facto que suscitou severos commentarios: ao passar pelo escriptorio da *Light*, na praça Antonio Prado, um grupo de manifestantes, que, sem duvida, não era composto de estudantes, deu vivas á companhia canadense. Em seguida, esse mesmo grupo tomou varios bondes e passeou de graça pela cidade, erguendo novos vivas á Light e levando os carros a taboleta *Reservado*.

Evidentemente, elementos extranhos comprometteram a intenção dos academicos, se, de facto, a estes coube a responsabilidade de taes manifestações.»